

# O discurso sobre a língua na materialidade digital<sup>1</sup>

p. 38 - 46

Cristiane Dias (Labeurb/Unicamp)

## Resumo

O objetivo desse artigo é o de investigar o discurso sobre a língua na materialidade digital, mais especificamente, a internet. Como os saberes sobre a língua estão em circulação nessa outra condição material de existência, nessa outra forma de relação do sujeito com o mundo e com as “coisas a saber”? Para tanto, proponho uma análise discursiva de um fórum de discussão da rede social Orkut. No que se refere ao conhecimento sobre a língua, entendo que o seu funcionamento é outro nessa materialidade específica. É desse funcionamento que vou tratar, mostrando que as condições de produção e circulação do conhecimento sobre a língua na internet fazem parte da sua constituição nesse espaço específico.

**Palavras-chave:** discurso; conhecimento sobre a língua; materialidade digital; sujeito

## Resumé

Cet article a comme but analyser le discours sur la langue dans la matérialité digital, surtout, à l'internet. Comment les savoirs sur la langue circulent dans cette autre condition matériel de l'existence, dans cette autre façon de rapport du sujet avec le monde et avec les choses à savoir ? Pour cela, je propose une analyse discursive d'un forum de discussion du réseaux social Orkut. Dans ce qui concerne la connaissance sur la langue, je peux dire que leur fonctionnement change dans cette matérialité spécifique. Alors, c'est sur cet autre fonctionnement que je vais travailler, en montrant que les conditions de production et de circulation de la connaissance sur la langue à l'internet font partie de sa constitution dans cette espace spécifique.

**Mots-clés:** discours, connaissance sur la langue, matérialité digital, sujet

No âmbito desse trabalho, considero o acontecimento tecnológico do século XX - o da informática - como aquele que constitui uma materialidade, a materialidade digital, provocando mudanças no modo de significação das sociedades - nas esferas administrativas, política, econômica; das relações sociais - novas formas de relação social através das mídias sociais; do conhecimento e de sua divulgação - com os sistemas wikis, colaborativos. Todos esses elementos constituem

a materialidade do discurso eletrônico: a materialidade digital.

No que se refere ao conhecimento sobre a língua, entendo que seu funcionamento é outro nessa materialidade específica. Assim, interessame, nesse artigo, investigar, especificamente, o discurso sobre a língua. Como os saberes sobre a língua estão em circulação nessa outra condição material de existência, nessa outra forma de relação do sujeito com o mundo e com as “coisas

1 Esse texto insere-se na reflexão que desenvolve no âmbito do projeto que integra o convênio do Laboratório de Estudos Urbanos – Labeurb – com a Universidade de Lausanne. O projeto intitula-se Discurso sobre a língua e é coordenado pela Profa. Dra. Eni Orlandi.

a saber”?

É no território digital da Internet, uma das facetas do acontecimento tecnológico do século XX, que desenvolvo essa reflexão, tomando-o como lugar de circulação de dizeres sobre a língua em sua constituição no ciberespaço, a partir das relações sociais que se dão no ciberespaço.

Para tanto, volto minha atenção para um dos fóruns de discussão do Orkut – rede social de relacionamento criada em 2004 por Orkut Büyükkökten, engenheiro do Google.

O objetivo principal da criação dessa rede social de relacionamento foi o de fazer com que seus membros criassem novas amizades. Criar uma rede social onde todos estivessem ligados a todos era a grande inovação.

Hoje, muitas outras redes compõem o cenário social da internet, com o Facebook, o Twitter, o LinkedIn e muitas outras. Cada uma delas traz especificidades. No caso do Orkut, os fóruns de discussão, denominados comunidades, são marcas de uma inscrição do sujeito num determinado campo de saber e de interesses. São traços dos modos de identificação do sujeito, pois ao filiar-se a uma comunidade, o sujeito filia-se a determinados sentidos.

## Comunidade Cibercultura

Pensar o Orkut enquanto “rede social” significa pensar e questionar seu modo de funcionamento enquanto uma rede de sujeitos interconectados, na qual o conhecimento de cada um é estruturado/representado em comunidades *on-line*. As comunidades têm aí um papel de grande importância já que é por meio delas que o saber circula nessa rede e que os sujeitos se relacionam com ele.

Por essa razão meu interesse em analisar as discussões que se produzem em algumas delas. Nessas comunidades, a relação entre os sujeitos se

dá, sobretudo, por meio de fóruns de discussão, nos quais cada membro pode “postar” um tópico que deseja discutir a respeito do assunto da comunidade.

Esses tópicos são criados a partir de saberes do cotidiano, de posições do sujeito frente a acontecimentos, mudanças, frente à sociedade. São saberes que circulam de um modo ou de outro e afetam o sujeito no seu modo de viver o espaço da sua vida pessoal/social: o espaço do conhecimento, o espaço urbano.

Todos os membros do Orkut podem criar uma comunidade ou entrar em comunidades já existentes. Elas se organizam a partir das seguintes categorias:

- Alunos e Escolas
- Animais de estimação ou não
- Artes e entretenimento
- Atividades
- Automotivo
- Cidades de Bairros
- Computadores e Internet
- Culinária, Bebidas e Vinhos
- Culturas e Comunidade
- Empresa
- Escolas e Cursos
- Esportes e Lazer
- Família
- Gays, Lésbicas e Bi
- Governo e Política
- História e Ciências
- Hobbies e Trabalhos Manuais
- Jogos
- Moda e Beleza
- Música
- Negócios
- Países e Regiões
- Pessoas
- Religiões e Crenças
- Romances e Relacionamentos
- Saúde, Bem Estar e Fitness
- Viagens
- Outros

Nesse artigo, vou apresentar a análise de um tópico da comunidade Cibercultura, da categoria Culturas e Comunidade. O título do tópico que analiso é: “*Pq vc naum escreve direito?*”. Nessa análise específica, refleti sobre a relação do sujeito com o saber linguístico e sobre o modo como o

sujeito representa esse saber através do uso ou da rejeição do chamado “internetês” – modo como se convencionou chamar o tipo de escrita abreviada, acrônima e sem o rigor gramatical da língua normativa, e que se utiliza na internet, principalmente nas redes sociais e conversas instantâneas.

A comunidade em análise foi criada por Gilberto Pavoni Junior, com o objetivo de discutir os seguintes temas:

- cultura e tecnologia
- arte resistência
- a sociedade em rede e a sociedade do conhecimento
- organizações virtuais - inter-relacionamento

Meu intuito com essa análise é o de compreender que relação com o conhecimento é produzida nesses fóruns, como o conhecimento é representado nessa comunidade e como o sujeito se constitui nessa relação, tendo em vista um deslocamento das questões que antes eram debatidas apenas nas instituições escolares, universitárias, revistas de divulgação e que, com a web 2.0, passam a constituir um outro território de construção do sentido.

Minhas questões específicas nessa análise são: como se produz o discurso sobre a língua na materialidade digital, levando em consideração um saber lingüístico determinado, as coisas-a-saber (Pêcheux, 2008) sobre a língua normativa, nos fóruns de discussão da rede social Orkut?

Pensando a Internet como o principal fator que dá ao acontecimento tecnológico a repercussão que ele tem na história contemporânea, produzindo rupturas e deslocamentos na cultura, nos modos de pensamento e de vida contemporâneos, estou propondo refletir sobre o modo como o funcionamento da língua na materialidade digital, pensando o real da língua na relação como real da história, produz um lugar de subjetivação do

sujeito e de identificação com uma formação discursiva determinada, a partir da qual ele se posiciona na sociedade.

## O que é o internetês

O internetês é uma forma de expressão escrita que se dá, sobretudo, no espaço digital da Internet e das mensagens de celular. Essa escrita é caracterizada pela abreviação das palavras, o uso de *emoticons*, onomatopeias, substituição de caracteres alfabéticos por numéricos, troca de letras, ausência de acentuação, enfim, do rigor gramatical da língua normativa padrão.

Essas características encontram certamente razão de ser pelas condições de produção que atravessam a língua em sua constituição na Internet, em sua “forma material”. Essas condições de produção têm a ver, num primeiro momento, com o instrumento máquina/computador, do qual, como se sabe, os signos dependem para serem traçados: “os signos dependem dos instrumentos que os traçam e da matéria que os suporta”. Isso me leva a duas perguntas simples, mas não tão evidentes, sobre as quais se questiona Georges Jean (1987) no livro “*L’écriture mémoire des hommes*”: 1) sobre o que se escreve? 2) com o que se escreve? Essas perguntas são de suma importância para se compreender o modo de escrita, que não está, de modo algum, dissociado dos seus instrumentos.

Essas questões me levam a refletir sobre a forma gráfica na medida em que com o computador se “escreve” com o teclado, na tela, e utiliza-se uma linguagem específica: a linguagem de programação, a linguagem-máquina, que processa as informações.

Segundo Higounet (2004), “o material que serve para escrever teve uma importante influência na variação das formas gráficas” (Charles Higounet, 2004). As ‘razões materiais’ sempre tiveram importância na mudança de

procedimentos da escrita. E a velocidade, rapidez da escrita sempre foi um fator decisivo no que diz respeito à variação dessas formas.

Assim, a escrita nas redes sociais, chats, conversas instantâneas e alguns blogs, surge dessas “condições materiais de base” (linguísticas). Porém, como se sabe, para a análise de discurso, o linguístico não se separa categoricamente do discursivo (Orlandi, 2006).

Essas condições materiais, os instrumentos e os hábitos daqueles que escrevem, constituem exemplos de sua influência sobre a vida das formas gráficas e são utilizados para o desenvolvimento de tecnologias da escrita. Para Orlandi (2004, p. 141), as novas tecnologias da linguagem, que são, por sua vez, novas/outras tecnologias da escrita, são um desenvolvimento técnico da escrita. Ora, esse desenvolvimento técnico da escrita, com o uso do computador se configurou de uma maneira determinada pelo código de computador, mas especificamente pelo código binário, o ASCII (Código Padrão Americano para o Intercâmbio de Informação, criado em 1963), expresso por números binários. A escrita informática é uma escrita numérica. Isso quer dizer que a forma textual que o computador nos dá, é, antes, fragmentada em números, traduzida em números binários, combinados em octetos de 0 e 1. O usuário fornece dados ao computador (imagem, texto, números, sons). O computador, por sua vez, dá uma forma numérica a esses dados, transformando-os em informação.

Isso quer dizer que cada letra do teclado é decodificada por um conjunto de 8 bits ou 1 byte, ou seja, combinações binárias de 0 e 1. Por exemplo, o caractere “a” do teclado é codificado pelo octeto 0110 0001, a maiúscula B por 0100 0010, o sinal + por 0100 1011, e assim por diante.

É nesse aspecto da escrita informática que residem as “transformações da escritura” (Herrenschmidt, 2007), porque cria uma

sistematicidade outra a partir do código numérico, a partir da linguagem informática, porque o modelo da escrita passa a ser o algoritmo, a combinação numérica. A relação do sujeito com a escrita passa pelo cálculo. A linguagem informática, para Herrenschmidt (idem) é “um conjunto, por definição escrito, de caracteres, de números, de palavras e de regras, que permitem montar esses elementos para transcrever um algoritmo, escrever programas e dar instruções a um computador”. “Uma *linguagem artificial*, produzida conscientemente, para uma finalidade precisa, que não é feita para ser falada” (p. 405). Para que um computador aja, é preciso vesti-lo, dotá-lo de linguagens e de métodos para agir (os logiciais, de cálculo, de tratamento de texto, de desenho, de pintura). “É o logicial de tratamento de texto que assinala sobre a tela e chama a atenção para corrigir erros de digitação e/ou de ortografia”, portanto:

escrever informaticamente se funda sobre uma análise preconcebida do escrito, todo texto é o resultado de ações previstas antes pelo editor do logicial, o produto da máquina e, nisto, semelhante a um produto industrial na língua. (...) A língua é objeto de contagem e de cálculos (ibidem, p. 411).

Herrenschmidt (idem, p. 415) ensina ainda que “escrever informaticamente, é fazer passar o desejo a partir do projeto do texto onde ele ainda permanecia, até o processo gráfico”. Daí advém o caráter desejante do clique.

É a partir dessa questão que, numa segunda instância, a materialidade, o real da língua, vai fazer sentido para pensar o modo de escrita que se produz a partir da linguagem do computador, e que não se reduz apenas ao lingüístico. Com o surgimento e proliferação das redes sociais, sites de relacionamento e programas de bate-papo, pode-se pensar o caráter desejante do clique, no qual o sujeito se constitui. É aí que o sujeito vai

agir<sup>2</sup> sobre o programa porque os modelos de simulação numérica são plásticos, suscetíveis de modificação e é aí que o real da língua intervém na sua relação com o real da história.

O que ocorre não é, portanto, meramente um fenômeno de caráter “técnico”, que diz respeito à linguagem informática, mas uma apropriação social. Afinal, como mostra Orlandi (1998), as formas linguísticas “são capazes de deslocamento, de transgressões, de reorganizações. Por isso são capazes de política?”

É nessa relação histórica do homem com a linguagem (Orlandi, 2004), que compreendo o funcionamento do internetês. Considero que o caráter técnico, que dá vazão a um fenômeno linguístico, ganha outros sentidos no processo de “individualização dos sujeitos” pela linguagem.

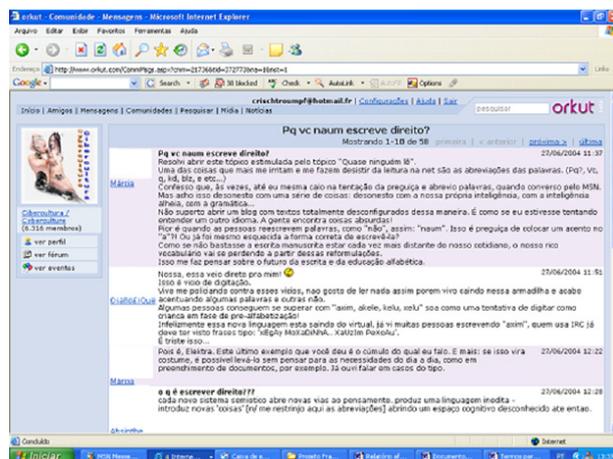
outro aspecto importante a ser destacado no uso do internetês como forma de escrita, por exemplo, nas salas de bate-papo, é a velocidade com que as conversas ocorrem, ou seja, é a “condição material”, o “meio” (Orlandi, 2004) que vai determinar aquela escrita da língua em seu fluxo. Por essa razão falamos de uma língua “pressionada pela oralidade” (Robin, 1998).

Ainda uma característica do internetês é o uso dos *emoticons* como forma de manifestação de um sentimento: raiva, tédio, sono, alegria, entusiasmo, etc. o que tem o corpo como inscrição no dizer, na escrita. O que tenho chamado “corpografia”, a saber, o devir-língua do corpo<sup>3</sup>.

## Da análise

2 “Ato”, aqui, está sendo pensado como gesto, definido por Pêcheux (1969) como ato no nível simbólico. Cabe dizer, ainda, que, Eni Orlandi (2001, p. 25) vai aproximar a noção de interpretação e de gesto – prática discursiva que intervém no mundo, no real do sentido – considerando “aspectos da prática simbólica não considerados por Pêcheux”, a partir da noção de gestos de interpretação. É nesta perspectiva que falo em “ato”.

3 Dias, C. (2008). A noção de corpografia que desenvolvo não se restringe ao emoticons, mas considera a escrita, de modo geral, como inscrição do corpo do sujeito.



A discussão nesse tópico do fórum é sobre a “mudança ortográfica” na língua utilizada em blogs, salas de bate-papo, fóruns de discussão, redes sociais, e-mails, celulares, a saber, o internetês. A questão que abre o fórum é a seguinte:

### Pq vc naum escreve direito?

Resolvi abrir este tópico estimulada pelo tópico “Quase ninguém lê”.

Uma das coisas que mais me irritam e me fazem desistir da leitura na net são as abreviações das palavras. (Pq?, Vc, q, kd, blz, e etc...)

Confesso que, às vezes, até eu mesma caio na tentação da preguiça e abrevio palavras, quando converso pelo MSN. Mas acho isso desonesto com uma série de coisas: desonesto com a nossa própria inteligência, com a inteligência alheia, com a gramática...

Não suporto abrir um blog com textos totalmente desconfigurados dessa maneira. É como se eu estivesse tentando entender um outro idioma. A gente encontra coisas absurdas! Pior é quando as pessoas reescrevem palavras, como “não”, assim: “naum”. Isso é preguiça de colocar um acento no “ã”? Ou já foi mesmo esquecida a forma correta de escrevê-la? Como se não bastasse a escrita manuscrita estar cada vez mais distante do nosso cotidiano, o nosso rico vocabulário vai se perdendo a partir dessas reformulações.

Isso me faz pensar sobre o futuro da escrita e da educação alfabética.

O debate concentra-se, sobretudo no que se refere às abreviações e à troca de letras em palavras como: assim = axim, povo = povu, qual = kual etc.

Em geral, há uma unanimidade quanto

à aceitação do uso das abreviações, como, por exemplo, “pq”, “vc”, “qdo”, “td”, etc., mas não quanto à troca de letras.

A discussão que se produz na sequência coloca, de um lado, aqueles que “aceitam” essa escrita digital, e que são uma minoria dos participantes desse tópico, e, de outro lado, aqueles que não a aceitam. Os argumentos são quase sempre os mesmos, ou seja, o que prevalece é a preocupação quanto à passagem desse tipo de escrita utilizada na Internet, dessa “língua digital” ou “hipertextual”, para a escrita escolarizada, fora do espaço on-line e das relações mediadas por computador. Mais uma vez tem-se aí o lugar autorizado da língua, o lugar do conhecimento formal – a gramática – funcionando como *leitmotiv* para o conhecimento de si no que diz respeito ao modo como o sujeito é subjetivado pela língua.

A preocupação dos participantes desse tópico é quanto ao *futuro da escrita e da educação alfabética*. A saber, uma preocupação com a *regra vigente da língua padrão*, com a *deseducação na língua*. Diz um dos participantes da discussão: *as pessoas não saberão mais acentuar as palavras, entre outras coisas. Isso interferirá de maneira negativa no mundo não-virtual, que ainda existe.*

Nesse argumento, existe uma demarcação nítida entre um território virtual, com suas regras lingüísticas, e um território não-virtual, com normas determinadas para a língua. É sobre essa segunda realidade que recai o argumento dos participantes e a qual eles se empenham em defender: o chamado “purismo da língua”. Isso determina uma posição-sujeito no que se refere ao trabalho ideológico da noção de língua, a partir da qual o “erro” produz um efeito de sentido muito específico: *o mais grave são os erros de português. Não falo de erros de concordância, crase, essas*

*coisas que são mais, como direi, complicadas, falo de ler coisas como: pesso, ansioso e por aí vai. Isso é literalmente matar o português.* Ou seja, o que não é aceitável para os participantes do tópico, são as mudanças na ortografia, e aí está o sentido da noção de “erro”, uma vez que a abreviação, a acentuação, a concordância, não causam, em geral, incômodo. A “boa língua portuguesa” está, pois, associada à grafia correta das palavras, à “arte de bem escrever (ortograficamente)” e não ao sentido do dizer.

As especulações sobre essa mudança da/na escrita que se produz com o uso do internetês, são muitas. Fala-se em “outro idioma”, “idioma próprio”, “nova linguagem”, “novo sistema semiótico”, “ortografia alternativa”, “linguagem internética”, “híbrido de representação fonética com a escrita original”, “neo-lingüística”, etc. São nomeações que vão procurando produzir um sentido para algo novo.

O que não se leva em consideração, entretanto, quando se pensa essa língua/escrita digital é o modo de funcionamento da língua no espaço discursivo determinado da Internet, que tem a ver com a velocidade, com a linguagem de programação, que se constitui a partir de tecnologias numéricas<sup>4</sup> e que por isso se diferencia radicalmente das técnicas da escrita tradicional. Assim como nas condições de produção da escrita na época do papiro, a “tecnologia da escrita” era outra, com sua temporalidade própria e suas condições de produção específicas.

Nessa perspectiva, o que há é uma formulação determinada a partir de um funcionamento discursivo específico da língua, o qual se dá a partir da relação do sujeito com o mundo, com as novas tecnologias numéricas, com a história.

O que se pode observar, no entanto, na

---

4 Com as tecnologias numéricas, a imagem é precedida pelo pixel. “O pixel é a expressão visual, materializada na tela, de um cálculo efetuado pelo computador, conforme as instruções de um programa”. Ou seja, “se alguma coisa preexiste ao pixel e à imagem, é o programa, isto é, linguagem e números, e não mais o real” (Couchot, 2001, p. 42).

constituição do discurso do sujeito sobre a língua, nesse tópico específico, é uma resistência ao sentido da história e à significação do mundo.

Observe ainda:

Sei diferenciar muito bem em que caso uso cada tipo de escrita. É óbvio que um trabalho acadêmico que eu deva apresentar, num formato de uma dissertação formal, irá diferir em muito, de uma simplória conversação no ICQ.

(...) acho que não devemos temer uma possível “expansão desordenada” desta neolingüística. Se houver a tão temida expansão será a nosso serviço e em seguimentos muito bem definidos. Ou alguém acha que a mídia impressa ou o sistema educacional escreverá “kual” ao invés de “qual”?

O sujeito demarca aí, por um lado, o domínio sobre o seu dizer como se ele pudesse controlar o sentido. Por outro lado, esse domínio do sentido está atrelado à demarcação de um espaço de saber: aquele da academia, da imprensa, do sistema educacional, da “língua-imaginária”, que determina as “coisas-a-saber”. De um lado, o sujeito significa a partir de um imaginário da língua pura, correta, e que está associada às normas de acentuação e ortografia, com a língua gramatical. Por exemplo, na formulação: *desonesto com a nossa própria inteligência, com a inteligência alheia, com a gramática...*

De outro lado, o sujeito assume a fluidez da língua em seu processo discursivo digital, das conversas instantâneas mediadas por computador, como o MSN - *caio na tentação da preguiça e abrevio palavras*.

Há um discurso moralista funcionando nesse dizer, marcado linguisticamente pelas palavras *desonesto*, por um lado, e, por outro lado, pela palavra *preguiça*, aliás, um dos sete pecados capitais. Ou seja, é um pecado contra a língua. A *preguiça* e a *desonestidade* são comportamentos condenáveis, por deus e pela gramática.

O sujeito define esse tipo de formulação

como “simplória” e “desonesta” em relação à língua da instituição acadêmica. E isso porque a língua aí está concebida fora dos seus três momentos do processo de produção do discurso, a saber, a formulação, a constituição do sentido e o modo de circulação (Orlandi, 2001).

Orlandi (idem) vê a circulação como um modo de significar. Nessa perspectiva, ao conceber o discurso das comunidades on-line e a língua digital ou hipertextual no seu modo próprio de textualização e individualização do sujeito, compreende-se o “gesto de interpretação” do sujeito que utiliza esse tipo de escrita, e que está investido no sentido das “novas tecnologias da escrita”, da qual não pode se desprender, pois esse sentido está ali funcionando no seu dizer, independentemente da sua vontade. E, ao pensar, tal como concebe Orlandi (idem), a escrita como “modo de relação social”, tem-se nessa “tecnologia numérica” da escrita, o digital como modo de pelo qual o sujeito é individualizado pelo discurso das novas tecnologias digitais.

A isso tenho chamado “corpografia”. A corpografia é, nesse modo de individualização do sujeito, a inscrição do corpo (social) na escrita.

## Para concluir

Nesse fluxo de sujeitos e sentidos, tem-se uma escrita que combina a transformação da língua de uso, da língua icônica e da linguagem de programação (Robin, 1998). São esses elementos que regem o chamado internetês.

Essa combinatória é feita a partir de um funcionamento discursivo específico da língua<sup>5</sup>. Esse funcionamento passa certamente pela oralidade. É um funcionamento escrito da língua que inscreve a oralidade: “escritoralidade” tal como define Orlandi. Mesmo que haja equivalência

---

5 Parafrazeando Deleuze (1991) quando fala de um “tratamento sintático específico da língua”.

entre oral e escrito na escrita digital, essa forma de escrita não passa por uma “representação” do oral, mas pelo “simulacro” da oralidade, no sentido de criação, e não de imitação. Cria-se uma escrita que da conta da oralidade. E que tem uma corpo-oralidade específica: a corpografia.

A noção de fragmentário tem aí, para mim, importância fundamental, pois o fragmentário é constitutivo desse funcionamento digital da língua, que é precedido pelo pixel. O fragmentário é o movimento de vibração de uma estrutura lingüístico-normativa: a forma material do sentido, conforme a concebe Orlandi (2001). Isso significa que a língua vibra segundo as condições materiais a que é exposta, segundo o seu modo de circulação. E o que nos chega é o movimento dessa vibração, a saber, o fragmentário.

A condição material de base da escrita é a linguagem informática e o seu modo de circulação, a Internet, e é a partir dessa relação da formulação com o modo de circulação, e, portanto, as condições da circulação, que a língua se constitui produzindo o fragmentário no ‘vibrato’ da escrita (digital). É nesse “vibrato” da língua que se produzem formulações como:

eu voh fichah um tempo cem intrah no orkut e no msn!!!! c alguem quiseh falah comigu deixah nu meu vibe flog na part dos comentarius!!!!!!! bjs!

Ora, o espaço é estruturado pela velocidade da escrita, que deve ser abreviada, uma vez que pela determinação do espaço discursivo, o diálogo entre os sujeitos deve se dar no ritmo da sua temporalidade. Essa determinação do espaço de circulação está refletida na escrita abreviada e acrônima, cuja propriedade é aquela da velocidade do tempo de enunciação naquele espaço discursivo que organiza e determina a relação entre o que é dito e sua significação. Por isso, formulações como: ‘kd’, para dizer: onde está?, ‘qrdo’ para querido, ‘alg’, para alguém, ‘tc’, para teclar, ‘hj’

para hoje, ‘vc’, para você, ‘qdo’, para quando, ‘tb’, para também, ‘pq’, para os porquês, ‘q’, para que, ‘blz’, para beleza, ‘td’, para tudo etc. São formulações que deslocam o sistema lingüístico normativo, que passa a ser regulado por outros imaginários, reestruturando a língua em função de uma necessidade do espaço-tempo tecnológicos. Cria-se, em função dessa prática da escrita nos *chats*, uma normatividade lingüístico-tecnológica, configurada pela temporalidade como uma dimensão do espaço, e pelo espaço de circulação como uma dimensão do discurso.

Letras fragmentárias. Afetos. Entrelaços.

Não mais ponto-e-vírgula, mas ponto-e-vazão. Pontos em suspenso. Suspiros e sorrisos.

>:-)	Antenado
=-:O	Assustado
:-}	beijola
§:-)	bonitão
(:-....	chorando
:-/	confuso
:*(	lágrima caindo
;-)	piscar os olhos
\~/	oferecer drinque
:-)))	gargalhada
x-)	sou tímido
:-()	surpreso
@-----	rosas

Pontos convertidos. Atravessados. Pontagudos.

## Bibliografia

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Qu’est-ce que la philosophie.** Paris : Éditions Minit, 1991.

DIAS, C. **Da corpografia.** Série Cogitare, v. 7. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2008.

COUCHOT, E. Da representação à simulação. In:

PARENTE, A (org.) **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. 1 reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

HERRENSCHMIDT, C. **Les trois écritures: langue, nombre, code**. Paris: Editions Gallimard, 2007.

ORLANDI, E. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ROBIN, R. **Le Golem de l'écriture: de l'autofiction au cybersoi**. Montréal: XYZ, 1998.

**Artigo enviado em:** 13/01/2011

**Aceite em:** 07/07/2011